

**MEDIAÇÃO CULTURAL NO ROMANCE WEST OF THE JORDAN, DE LAILA  
HALABY**

***CULTURAL MEDIATION IN LAILA HALABY'S WEST OF THE JORDAN***

Gláucia Renate Gonçalves  
Doutora em Letras  
Universidade Federal de Minas Gerais  
([rgoncalves@yahoo.com](mailto:rgoncalves@yahoo.com))

Maria Luiza Cardoso de Aguiar  
Mestranda em Literaturas de Expressão Inglesa  
Universidade Federal de Minas Gerais  
([mluiza.aguiar@gmail.com](mailto:mluiza.aguiar@gmail.com))

**RESUMO:** Partindo da noção de diáspora e suas implicações, o presente trabalho propõe uma leitura do romance **West of the Jordan**, da árabe-estadunidense Laila Halaby. Com a análise da obra pretende-se investigar a representação ficcional da possibilidade de uma mediação cultural diante do conflito vivenciado pelos sujeitos híbridos. Tal mediação se dá não apenas no âmbito do biculturalismo, mas também envolve a desindexação de questões de gênero, colocando-se virtualmente contra estereótipos do povo árabe já difundidos. A obra sob investigação oferece uma alternativa para a personagem que resiste à opressão masculina sem necessariamente abrir mão de sua subjetividade diaspórica enquanto descendente de árabe.

**Palavras-chave:** Literatura árabe-estadunidense; Diáspora; Mediação cultural; Gênero

**ABSTRACT:** Based on the notion of diaspora and its implications, the present article offers a reading of the novel **West of the Jordan**, by the Arab-American writer Laila Halaby. The analysis of the work aims at investigating the fictional representation of a possible cultural mediation, given the conflict experienced by hybrid subjects. Such mediation takes place not only in the realm of biculturalism, but involves as well the desindexation of widespread Arab stereotypes. The work under investigation offers an alternative for the character who resists against male oppression without necessarily giving up her diasporic subjectivity as a descendent of Arabs.

**Keywords:** Arab-American literature; Diaspora; Cultural mediation; Gender

Sujeitos diaspóricos são, cada vez mais, parte integrante do cenário cultural de diversas nações. Mesmo quando se trata de indivíduos originários de uma mesma cultura ou etnia, é possível perceber que eles apresentam posicionamentos diferenciados em relação à sua cultura de origem e à nova cultura, ou seja, aquela do novo lugar em que passam a viver. Enquanto alguns indivíduos mantêm conexões fortes com seus lugares de origem, outros tendem a ser mais maleáveis e são mais receptivos à nova cultura, ainda que sem deixar suas raízes

completamente de lado. Entretanto, não importa o quão heterogênea é a experiência diaspórica: o que é certo é que ela sempre envolve certa dose de conflito por parte dos sujeitos – com a comunidade e consigo mesmo – e nunca se completa. Sobre a eterna incompletude do processo de hibridismo, Stuart Hall afirma: “trata-se de um processo de tradução cultural, agonístico uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indecidibilidade” (2003, p. 74). Apesar do caráter sempre agonístico e incompleto do processo de hibridismo, alguns sujeitos diaspóricos conseguem recriar sua identidade e sua cultura através da negociação cultural. Na literatura, um exemplo bastante pertinente disso é a obra **West of the Jordan** (2003), da escritora árabe-estadunidense Laila Halaby, foco de estudo do presente trabalho.

Cabe aqui um comentário sobre o uso do termo árabe-estadunidense para se referir à escritora. No Brasil o rótulo ‘árabe-brasileiro’ soa-nos pouco familiar, ao passo que nos Estados Unidos o termo *Arab American* é de uso corrente. O que pode parecer a princípio prática do orientalismo, nos termos de Edward Said, como forma de sublinhar a superioridade do Ocidente sobre o Oriente é, ao contrário, um guarda chuva estratégico para conferir visibilidade à heterogeneidade dos descendentes de povos árabes nos Estados Unidos – jordanianos, palestinos, libaneses, etc. Os próprios escritores de origem árabe se denominam ‘árabe americanos’, buscando assim reforçar laços entre os diversos grupos étnicos com vistas a alcançar legitimidade. Trata-se de um “essencialismo estratégico”, conforme proposto por Gayatri Spivak, isto é, uma espécie de ‘solidariedade temporária’ baseada em alguma semelhança com fins específicos, mas uma solidariedade apenas enquanto estratégia, e não como elemento homogeneizador. Finalmente, utilizamos o termo ‘estadunidense’ porque, afinal, América a rigor deveria se referir a todo o território compreendido de um pólo ao outro, e não apenas aos Estados Unidos. Ainda que atualmente esforços sejam empreendidos para “desgovernamentalizar” e “internacionalizar” a concepção de América, reconhecemos que o termo ‘americano’ ainda é bastante utilizado como sinônimo de estadunidense, como fazem inclusive os personagens do romance de Halaby.

O romance em tela é de relevância não somente por ilustrar ficcionalmente uma das possibilidades de negociação cultural operada pelos sujeitos diaspóricos, mas também por oferecer uma discussão mais que necessária do

posicionamento feminista árabe, ou árabe-estadunidense. Como nos chama a atenção a crítica palestina-estadunidense Lisa Suhair Majaj, o feminismo da diáspora árabe merece cuidadosa investigação por ter sido tão frequentemente mal compreendido, supondo-se, de modo geral, que as feministas rejeitam a cultura árabe ao advogar a causa da mulher (1999, p. 73). Como pretendemos mostrar no presente trabalho, é possível colocar de forma crítica a situação da mulher mantendo, ao mesmo tempo, vínculos fortes com o legado cultural árabe.

Ainda sobre a questão de gênero, este trabalho aponta para a impossibilidade de se estudar os movimentos diaspóricos sem que se leve em consideração que “o papel de homens e mulheres no processo de acomodação e sincretismo podem ser diferentes” (ANTHIAS, 1998, p. 571).<sup>1</sup> Anthias explicita esse papel das mulheres, destacando a importância das mesmas nos movimentos diaspóricos, ao afirmar que elas são responsáveis por transmitir e reproduzir ideologias étnicas e nacionais. Entretanto, Anthias também lembra que as mulheres são, geralmente, subordinadas, e por isso podem sentir que não são representadas por seu grupo étnico, o que faz com que elas, muitas vezes, não queiram ou não sintam necessidade de reproduzir suas tradições quando fora de seus países de origem. Assim, Anthias conclui que as mulheres em diáspora tornam-se elementos definidores da forma como os costumes de seus países de origem serão perpetuados, pois ao mesmo tempo em que elas podem se sentir fortalecidas por suas tradições, podem também abandoná-las, caso sintam que tais tradições não cabem em suas estratégias de sobrevivência (1998, p. 571).

Além disso, Susan Friedman aponta para a necessidade de se considerar que as experiências progressas de gênero também afetam o modo como as mulheres na diáspora se relacionam com seus novos países. Segundo essa teórica, “o deslocamento da diáspora começa antes da jornada de casa para algum outro lugar, começa, de fato, no lar e na terra natal e viaja com as mulheres à medida que elas encaram as dificuldades de se negociar entre novos e antigos modos de se viver” (2009, p. 23).<sup>2</sup> As personagens que serão analisadas no presente trabalho

---

<sup>1</sup> “With regard to gender, the role of men and women in the process of accommodation and syncretism may be different”.

<sup>2</sup> “The displacement of diaspora begins *before* the journey from home to elsewhere, begins indeed within the home and homeland and travels with the women as they face the difficulties of negotiating between new ways and old ways of living”.

exemplificam as questões de gênero propostas por Anthias e Friedman, pois as negociações realizadas por elas baseiam-se tanto na proposição da primeira teórica, sobre as relações entre o novo e as tradições, quanto nas colocações da segunda, sobre a influência das experiências pregressas das mulheres em sua atual condição diaspórica.

**West of the Jordan** é um romance composto por capítulos narrados por quatro diferentes personagens. Vencedor do prêmio *PEN/ Beyond Margins*, o romance possui um tom íntimo e confessional que faz com o que leitor pense estar lendo páginas de um diário. Entretanto, diferente de muitos romances com formato de diário, todos os excertos não são escritos pelo mesmo narrador-personagem: em **West of the Jordan**, quatro primas, Hala, Soraya, Khadija e Mawal, contam suas histórias e, assim, as passagens tratam de quatro vidas diferentes e oferecem múltiplas visões de mundo. Essas perspectivas distintas envolvem questões de identidade e de posicionamento, por parte das narradoras, em algum lugar entre dois mundos diferentes, uma vez que elas são produtos de duas culturas virtualmente distintas: a cultura árabe e a dos Estados Unidos.

O presente trabalho destaca a narradora-personagem Hala, que apesar de nascida na Jordânia, experimenta um contato intenso com a cultura norte-americana, pois é nos Estados Unidos que ela vive durante sua adolescência. O principal motivo que faz este trabalho ter a personagem como foco é o fato de que a maneira como ela opera dentro do romance ilumina uma questão fundamental quando se trata de imigrantes: a mediação cultural. Através da análise em particular dessa personagem, este trabalho pretende mostrar que Hala consegue atingir certo equilíbrio entre os dois mundos a que ela pertence, sem rejeitar nenhuma das facetas de sua identidade hifenizada: nem a faceta árabe, nem a norte-americana.

Hala nasceu na Jordânia, sendo seu pai jordaniano e sua mãe, palestina. Além desse já distinto *background* herdado, ela também experimentou o contato com a cultura norte-americana ao se mudar para os Estados Unidos para estudar, ainda durante a adolescência. Para observarmos como a mediação cultural se dá no romance, é importante que haja uma breve contextualização: o romance abre com o retorno de Hala à Palestina, por ocasião da morte de sua avó. Sintomaticamente já no início da história, esse retorno é muito significativo para a análise da “identidade dividida” de Hala, pois durante todo o romance ela tenta juntar os vários pedaços de

sua identidade, incluindo aqueles que ficaram de alguma forma perdidos em sua terra natal.

A princípio, o retorno de Hala pode parecer aos leitores algo árduo e quase doloroso, pois as primeiras memórias que ela divide com o leitor são aquelas relacionadas ao fato de que, quando vivia na Jordânia, ela não conseguia se encaixar no padrão de comportamento que dela se esperava. Ela recorda, por exemplo, que costumava passar grande parte do seu tempo lendo e era condenada por isso. Vemos, por exemplo, tia Suha dizendo a seu pai que, se ela não parasse de ler, ninguém se casaria com ela. Ao se lembrar disso, Hala deixa claro que não conseguia mais suportar aquela situação: “Eu estava farta de ser alvo de zombaria por gostar de ler, por ser obstinada, por falar o que penso” (2003, p. 9).<sup>3</sup> Entretanto, toda aquela oposição não foi capaz de impedir que Hala seguisse fazendo o que pensava ser mais apropriado para si.

Além dos atos de transgressão que aconteceram quando Hala ainda não tinha se mudado para os Estados Unidos, ela também se lembra de sua ousadia quando ela já residia na América e precisou voltar à Jordânia por causa da morte de sua mãe. Nessa ocasião, seu pai estabeleceu que ela não voltasse para a América, uma vez que ela deveria “fixar suas raízes aqui [na Jordânia] como uma mulher” (2003, p. 45).<sup>4</sup> Entretanto, ela desafiou a decisão de seu pai e escolheu voltar aos Estados Unidos. Hala vê esses atos de transgressão como sendo associados à cultura estadunidense, que a essa altura já fazia parte dela. Ela assim conclui: “Talvez eu falasse porque havia aprendido a mover minha língua como uma americana” (2003, p. 45).<sup>5</sup> O fato de agora ela “mover a língua como uma americana” sugere que aquela cultura a havia ensinado como usar a linguagem para se expressar melhor e se auto-afirmar, em vez de permanecer passiva e em silêncio, como era esperado das mulheres na cultura árabe. É importante ressaltar que, apesar das culturas ocidentais tenderem a exagerar e criar estereótipos para a submissão e o patriarcado dos quais as mulheres árabes são vítimas, a submissão feminina de fato é um traço da cultura árabe.

---

<sup>3</sup> “I was so tired of being made fun for reading, for being too headstrong, for speaking my mind.”

<sup>4</sup> “put her roots here [in Jordan] as a woman.”

<sup>5</sup> “Maybe I spoke because I had learned how to move my tongue like an American.”

Vale ressaltar, entretanto, que apesar da submissão impor limites, esses limites são questionados pela própria atuação das mulheres, que, muitas vezes, transgridem as regras que lhe são impostas, chamando desse modo a atenção para o descontentamento em relação à desigualdade de gêneros. É esse tipo de comportamento, retratado no romance de Halaby, que sem dúvida desencadeia mudanças e contribui para novas configurações sociais. Uma das razões pelas quais Hala age transgressivamente é o desejo de realizar o que a sua mãe, Huda, havia realizado. Quando ainda adolescente, Huda se mudou para os Estados Unidos para estudar, mas lá fora vítima de uma calúnia e teve sua reputação completamente denegrida, voltando então imediatamente à Palestina. Apesar de ter negado veementemente toda a história, a palavra de Huda não foi sequer minimamente considerada. Assim, teve que se submeter não apenas à decisão de seus pais de voltar, cercada por vergonha e humilhação, mas também a de se casar com um homem muito mais velho (que viria a ser o pai de Hala) e de mudar-se de cidade. Este episódio, que em um primeiro momento poderia ser interpretado como apenas uma situação de anulação feminina, mais tarde vem a ser uma das fontes de libertação e transgressão. Assim, é na própria submissão de sua mãe que Hala busca a força e o desejo de transgredir.

Na primeira parte da história, Hala mostra que está imensamente influenciada pela cultura norte-americana, chegando ao ponto de enfatizar seu lado estadunidense em detrimento da herança árabe. Além disso, Hala se sente completamente desconectada de sua cultura de origem quando volta à Jordânia. Como ela mesma afirma, “eu sei que eles me vêem com olhos curiosos. Eu parti antes da idade de me casar. Eu deveria ter o cabelo mais comprido. Deveria usar maquiagem. Eu não deveria usar jeans e ‘vestidos extremamente não-femininos’. Eu deveria parar de usar palavras em inglês. Eu estou desconectada” (2003, p. 77).<sup>6</sup>

A sensação de deslocamento revela que Hala se afastou de suas raízes de tal maneira que faz com que as pessoas olhem para ela como se ela fosse desconhecida, e a personagem se sente uma estrangeira em sua própria terra. De acordo com Hall, essa sensação de desindexação em seu próprio lugar de origem é

---

<sup>6</sup> “I know they see me with curious eyes. I left before marrying age. . . . I should have longer hair. I should wear makeup. I should not wear blue jeans and “extremely unfeminine dresses”... I should stop using English words... I am unconnected.”

inevitável aos sujeitos diaspóricos: “Se eles retornassem a suas cidadezinhas, o mais tradicional deles seria considerado ‘ocidentalizado’ – senão irremediavelmente diasporizado” (2003, p. 76). Apesar de se sentir fora de lugar na Jordânia, Hala não se sente triste. Como ela afirma no final do capítulo intitulado “Casamentos”, “eu permaneço desconectada, como um amuleto sem uma corrente na qual se segurar, eu sou feliz” (2003, p. 83).<sup>7</sup> Entretanto, tomando como base o desenvolvimento da personagem ao longo do livro, é possível perceber que, na verdade, seus sentimentos são mais de alívio do que de felicidade; ela está aliviada por agora poder desafiar algumas tradições com as quais não concorda.

Hall fala sobre essa “dificuldade sentida por muitos dos que retornam em se religar a suas sociedades de origem” (2003, p. 27). Segundo ele, a sensação de deslocamento é comum em sujeitos diaspóricos:

Muitos sentem falta dos ritmos de vida cosmopolita com os quais tinham se aclimatado. Muitos sentem que a “terra” se tornou irreconhecível. Em contrapartida, são vistos como se os elos naturais e espontâneos que antes possuíam tivessem sido interrompidos por suas experiências diaspóricas (2003, p. 27)

Dessa forma, é possível entender que seria impossível que Hala voltasse para a Jordânia sendo a mesma pessoa que era antes, visto que a experiência diaspórica deixa marca em todos os indivíduos envolvidos e afeta não somente o modo como pensam e agem, mas também o modo como eles se relacionam com a terra natal, que também sofre reconfigurações na maneira em que é representada pelos sujeitos diaspóricos, como é o caso da personagem Hala. Entretanto, apesar de pensar e se comportar de maneira transgressiva, maneira esta associada pela própria personagem à sua porção norte-americana, é possível perceber que Hala não assimilou a cultura estadunidense completamente, assim como nunca rejeitou inteiramente as suas tradições familiares e legado cultural.

Apesar de Hala ter escolhido o adjetivo “desconectada” para descrever sua condição, esse epíteto remete principalmente às imposições que sofrera, simultaneamente, ao sentimento de alívio por ter conseguido rompê-las, uma vez que, na realidade, sua ligação com o mundo árabe ainda pode ser percebida em vários aspectos de sua vida. Por exemplo, Hala menciona que sua mãe a ensinou

---

<sup>7</sup> “I remain unconnected, like a charm without a chain to hang from, I am happy.”

“os mais complicados pontos de bordado que ela conhecia, e ia me contando histórias igualmente complicadas de seu vilarejo enquanto ela bordava” (2003, p. 12).<sup>8</sup> Assim, é possível perceber que o bordado e a transmissão de histórias, dois traços fortes da tradição de mulheres árabes, nunca foram rejeitados por Hala, revelando que ela mantinha uma ligação forte com a cultura de origem ainda que isso não fosse para ela muito evidente. Além disso, ao retornar à Jordânia por ocasião da morte de sua avó, Hala menciona que “há conforto em estar na minha própria casa, em acordar na minha própria língua” (2003, p. 77).<sup>9</sup> Reconhecer que seu lar está na Jordânia sugere que nos Estados Unidos Hala não se sentia exatamente em casa; igualmente, dizer que a língua árabe é sua própria língua significa admitir que o inglês é uma segunda língua para ela.

Além de todos esses aspectos da cultura árabe, que se fazem presente na vida de Hala ao longo do romance, juntamente com todas as memórias que ela faz questão de preservar, há um momento de mudança profunda na vida de Hala que contribui muito para que ela se aproxime ainda mais da cultura árabe e, conseqüentemente, para que ela atinja certo equilíbrio entre essa cultura e a estadunidense: o momento em que encontra seu primo Sharif. Ele havia sido uma figura muito importante durante sua Hala, mas se distanciaram quando Sharif se mudou para a Europa, onde permaneceu por muitos anos.

O fato de que Sharif foi importante para Hala em sua infância – o momento em que ela esteve mais apegada a suas raízes – é bastante significativo, pois sugere que seu retorno pode reforçar em Hala a ligação forte com sua cultura de origem. Logo que se encontram, Hala sente que algo estava prestes a mudar: “eu sinto uma onda dentro de mim, como se uma mudança gigante estivesse prestes a acontecer” (2003, p. 119).<sup>10</sup> Essa “mudança gigante” se refere ao fato de que Hala se apaixona por Sharif, mas também pode ser vista como um prenúncio de sua reaproximação com a cultura árabe. Sharif aproxima Hala de sua cultura ao levá-la para visitar sua terra natal novamente e também ao contar-lhe histórias e fazê-la reviver suas próprias memórias. Logo no início, Hala sente as mudanças acontecendo: “com esse dia, um novo capítulo se inicia em minha vida, um novo

---

<sup>8</sup> “the most complicated patterns in embroidery that she knew and told me equally complicated stories from her village as she was doing it.”

<sup>9</sup> “there is comfort to be in my own house, to wake up in my own language.”

<sup>10</sup> “I feel a wave inside of me, as though a giant change is about to occur.”



começo depois da morte de minha avó . . . Este é o modo perfeito de voltar para casa e experimentar tudo de novo” (2003, p. 134).<sup>11</sup> Assim, ao fazer Hala “experimentar tudo de novo”, Sharif a traz para muito mais perto de suas raízes e ela começa a apreciar novamente sua terra natal, com suas paisagens naturais e uma cultura riquíssima.

Quando Hala decide que deve parar de pensar em Sharif, a aproximação com o mundo árabe por ele desencadeada segue adiante. Hala visita Abu Salwan, primo de sua mãe, e na cidade de Irbid, as mudanças pelas quais Hala passa são tão perceptíveis que ela mesma constata: “uma semana e meia em Irbid e eu sinto que dormi durante um mês e acordei com uma visão límpida” (2003, p. 193).<sup>12</sup> Um dos resultados desse novo despertar, da renovada familiaridade com a cultura árabe, se dá quando o pai de Hala é flexível o suficiente para permitir que ela volte aos Estados Unidos e para reconhecer que ela é uma boa pessoa, digna de seu orgulho. Se Hala estivesse desligada por completo de suas raízes, seu pai teria manifestado desaprovação de alguma maneira e muito provavelmente não confiaria nela da forma como confiou.

A reaproximação com a cultura de origem e a conseqüente reavaliação de seu hibridismo levam Hala a buscar um ponto de contato que permita ao menos um grau mínimo de equilíbrio entre os dois pratos da balança bicultural, mitigando o desconforto que muitos sujeitos diaspóricos vivenciam. Logo no início da quarta parte do romance, quando seu avião está deixando a Jordânia, Hala repete orações árabes: “em nome de Deus, do benevolente, do misericordioso” (2003, p. 203).<sup>13</sup> Apesar de dizer essas palavras em inglês, sua proximidade com a religião e a cultura de seu lugar de origem é notável. Até mais significativo do que isso é o próprio fato de que ela está retornando aos Estados Unidos com esses pensamentos e palavras em mente. Também sintomático é o traje de Hala: durante a viagem ela veste uma *roza*, típico vestido bordado de Nawara, cidade de sua mãe, feito por sua avó – a *roza* e nada mais por baixo dele. Embora perceba o olhar de

---

<sup>11</sup> “With this day, a new chapter in my life begins, a new beginning after my grandmother’s death...This is the perfect way to come home and taste it all over again.”

<sup>12</sup> “A week and a half in Irbid and I feel I have slept a month and awoken with clear eyes.”

<sup>13</sup> “In the name of God, the benevolent, the merciful.”

estranheza dos demais passageiros no avião, Hala não se importa: “eu me lembro de minha mãe vestindo essa roupa e sendo feliz” (2003, p. 203)<sup>14</sup>.

Assim, ao usar o típico vestido árabe que pertenceu a sua mãe em ocasiões felizes, Hala sugere que ela, também, pode ser feliz estando conectada com suas raízes. Além disso, o fato de que ela não vestia nada sob o vestido sugere que Hala literalmente quer sentir a cultura árabe em sua pele. Mais ainda: a maneira de usar a *roza* diretamente sobre a pele ilustra como Hala pode se apropriar dos costumes árabes e transgredi-los ao mesmo tempo. Além do vestido, Hala leva também um amuleto de ouro da Palestina – um presente de seu primo Sharif – para a América. Se antes, conforme citação aqui incluída, Hala havia pensado que na Jordânia ela era como um amuleto sem uma corrente que a sustentasse, agora ela leva o amuleto palestino preso a uma corrente, simbolizando a ancoragem que a própria personagem agora experimenta: segura e conectada, efetivamente ligada à sua cultura e às suas raízes, porém em movimento.

Ao chegar à casa de seus tios nos Estados Unidos, Hala percebe o quão vazias e sem vida estão as paredes. Talvez este seja o jeito americano, pondera Hala, abraçado por seu tio e sua esposa que naquele país vivem, mas ela não deseja o mesmo para si. Decide então pendurar fotos nas paredes, fotos que trarão vida para a casa – mas também trarão suas memórias e raízes de volta. Além disso, ao estabelecer que, daquele momento em diante, ela estava começando a viver em um novo mundo (p. 204), fica claro que Hala agora vê sua cultura sob novo ângulo, ficando claro também que esse novo mundo é um mundo híbrido que oferece espaço para que ela transite entre duas culturas distintas, sem ter que renunciar completamente a uma delas.

A criação de uma terceira margem cultural complexa, operada por Hala, que não é completamente estadunidense nem completamente árabe, tampouco a simples soma das duas culturas, vem ao encontro do que Hall afirma sobre a cultura enquanto uma produção. Segundo ele,

A cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma ‘arqueologia’. A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu ‘trabalho produtivo’. Depende do conhecimento da tradição enquanto ‘o mesmo em mutação’ . . .

---

<sup>14</sup> “I remember [my mother] wearing it and being happy.”

Mas o que esse 'desvio através dos passados' faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeito . . . Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar (2003, p. 44).

Talvez possa parecer que, graças a todas essas ações simbólicas que enfatizam a conexão de Hala com o mundo árabe, ela termine por valorizar essa cultura em detrimento da norte-americana. Entretanto, é importante lembrar que ela nunca abandonou seu lado americano e isso pode ser visto através de seus atos transgressivos, através do estranhamento que ela e seu povo sentem quando ela está na Jordânia e também através de seu desejo de retornar aos Estados Unidos. Assim, a própria Hala afirma que “é tempo de começar algo novo, e algo antigo, e não de ajustar algo inacabado”<sup>15</sup> (2003, p. 204). Ao dizer que ela não deseja consertar nada, deixa claro que seu lado norte-americano não é algo que está errado e que deve ser, portanto, endireitado. Ao contrário, Hala reconhece que ela continuará com aquilo que ela costumava ser antes de voltar a seu lugar de origem – e sua ligação com a América obviamente se inclui nisso – mas mudanças acontecerão.

Nos termos Salman Rushdie, sujeitos como Hala são 'traduzidos'. Do latim *traducere*, que significa conduzir além, transferir, o mesmo ocorre com os indivíduos: deslocados de um lugar ao outro, algo se perde na tradução, mas algo também se ganha (1991, p. 17). Hala decide então levar suas memórias e histórias árabes para sua vida norte-americana, dando importância a seu passado e deixando que ele afete seu presente, sem rejeitar tudo o que ela é e o que tem nos Estados Unidos. Como ela própria afirma nas últimas linhas do romance, seu mundo é agora novo, mas certamente não desconhecido (220). O romance de Halaby, dessa forma, retrata não apenas o quanto a experiência da diáspora é entrecortada por questões de gênero, mas também ressalta que o feminismo árabe é passível ou mesmo se nutre do biculturalismo.

---

<sup>15</sup> “It is time to start something new, and something old, not to fix something unfinished.”

## Referências

ANTHIAS, F. Evaluating 'diaspora': beyond ethnicity? **Sociology**, v. 32, n. 3, p. 557-580, 1998.

FRIEDMAN, S. S. The 'New Migration': clashes, connections, and diasporic women's writing. In: **Contemporary Women's Writing**, v. 3, n. 1, p. 6-27, 2009.

HALABY, L. **West of the Jordan**. Boston: Beacon Press, 2003. 220 p.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. SOVIK, Liv (org.). Trad. RESENDE, Adelaine La Guardia et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. 434 p.

MAJAJ, L. S. New directions: arab american writing at century's end. In: MATTAWA, K.; AKASH, M. (eds.). **Post-Gibran anthology of new arab american writing**. Syracuse, NY: Syracuse University Press, 1999. p. 67-77.

RUSHDIE, S. **Imaginary homelands: essays and criticism 1981-1991**. Londres: Granta, 1991. 446 p.

SAID, E. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Trad. T. R. Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 528 p.

SPIVAK, G. C. **The Spivak reader**. Selected works of Gayatri Chakravorty Spivak. Ed. LANDRY, D. New York: Routledge, 1996. 334 p.